

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 6 DE JANEIRO DE 1894

KXPDKIKNTE:

Assignatura annual. . . 12\$000
 " semestral 7\$000
 Numero avulso. . . \$200
 " atrazado . . . \$300

As assignaturas terminam sempre em junho e dezembro

Havendo terminado o 1º semestre da segunda phase d'A SEMANA, rogamos aos nossos dignos assignantes o inestimavel favor de mandarem reformar suas assignaturas, afim de que não lhes seja suspena a remessa da folha.

Os Srs. assignantes de anno tem direito ao livro BRIC-À-BRAC, de Valentim Magalhães.

SUMMARY.—Historia dos sete dias—Julio Volmer; O romance brasileiro: A Normalista—Ararife Junior; Sertanejas, sonetos—Themistocles Alchada; Plebiscito literario; Azas de marmore, soneto—Wenceslau de Queiroz; Cartas á minha mãe, III—José Vicente Sobrinho; A' noite, poesia—Julio Cesar da Silva; Gazetilha Litteraria: Os collegas; Theatros—P. Talma; Musica e Dança—J. Soudra; Concursos litterarios; Colaboração: A dança do véu—Julio Rêis Nectambulos, soneto—Domingos Leão; Factos e Noticias; Archivo.

Historia dos sete dias

Anno bom! Anno bom!

Dece illusão, que se nos renova n'alma a cada percurso da ecliptica e que não bastam a extinguir dentro em nosso meio tantos desenganos experimentados ao descrever de nova orbita, tantas desgraças, tantos infortunios, tantos dissabores, que aos deuses aprouve repartir com mão igual pelas diversas paragens do tempo, disseminando-os pelo mundo como pretextos delicados para sahirnos d'elle a ponto e não ficarmos para ahi eternamente a acotovelar-nos uns aos outros na expansibilidade incompressivel de nosso ingente gaudio.

Anno bom! Anno bom!

Eu lá estava tambem debruçado sobre a corrente dos tempos, á luz embaçada das estrellas, quando á meia noite de 31 de Dezembro o teu predecessor te passou o mundo e te entregou um inventario a que torceste o nariz, porque suppunhas ingenuamente que terias de resolver perante os fados os intrincados problemas de que elle não lograra encontrar o "x."

Enganas-te, bom anno. Tu não estás obrigada a cousa nenhuma. Deixa-te ir, formula de philosophia politica tão fecunda como aquell'outra "laissez faire," porque ainda que tu sejas mais suave que uma rola, mais insinuante que uma carícia, mais dadivoso do que um deus, nem por isso te aguardará menos, ao sahires pela porta que dá para a eternidade, o côro de execração

universal entoado pela multidão infinita dos incontentados.

Anno bom! Anno bom! Dá-nos a paz para que voltem as alegrias aos corações; faze que sonhos bellos embalem os meus leitores, que de os fazer adormecer me encarrego eu.



O mais interessante acontecimento dos ultimos sete dias foi, sem duvida nenhuma, a reaparição da GAZETA.

Não imaginam a alegria que eu tive ao ver de novo enfileirados nos respectivos postos, o inimitavel humorista da "semana," um escriptor que possui a graça de um Tackeray, americanizada de leves tons á Marc Twain; o scintillantissimo F. A. ou simplesmente F. ou simplesmente A. de variadas secções, inculcativas de um espirito positivo como Taine, bonachão como Sarcey, empulhador como Armand Silvestre e que dispõe, como este ultimo, da ternura insinuativa do estylo; o eminente romancista dos "Echos de Paris"; o colorista vivacissimo da "Chronica livre"; o considerado critico musical, que, mal coberto pelo pseudonymo Alfredo Riancho, nos transmite as suas impressões de excursionista, cheio de espirito, sob a fórma atrahente de despretenciosas narrativas.

Além de tudo isto, a GAZETA apparece agora illustrada de novo com desenhos e caricaturas de Belmiro, o distincto professor da Academia de Bellas Artes, o amavel collaborador artistico da nossa folha.

Emfim, um encanto em tudo, que não ha mais dizer.



Sem sahir da GAZETA.

No primeiro numero d'este anno, appareceu a conclusão de umas cartas litterarias assignadas por C. A. que eu recommendo ao leitor pela extrema veridura dos conceitos.

Não serei eu, simples chronista, que me atreva a fazer a analyse das cartas a que me reporto. Ha alli afirmativas arrojadas, que acobardam a critica bissonha. No entretanto, não resisto a transcrever o ultimo periodo, do qual ouso permittir-me extrahir ao deante a conclusão.

Leiam: "Já é tempo de fazer-se uma selecção rigorosa dos que escrevem por decidida vocação, com sacrificio da propria vida e não por um simples dilettantismo. A litteratura e as artes de um paiz são cousas muito mais sérias do que se julga vulgarmente."

A este grito—é tempo já—com certeza não deixariam de correr de todas as partes aquelles que, como o Sr. C. A., andam empenhados na procura dos verdadeiros artistas, com o fim de extremal-os dos simples dilettanti, se lhes não prelizisse que o autor das cartas

litterarias é que é o homem talhado pela natureza para operar aquella selecção de um caracter por extremo melindroso.

Estou d'aqui a ouvil-o confabular com os filhos de Apollo, no fto unico de joiral-os no crivo d'onde ha de sair estremada a raça immiscivel dos genios, ficando a dansar na peneira aquelles para quem a arte é uma pangeda.

— Poeta A., as tuas estrophes extasiam. Os teus carmes lembram flligranas de ouro bordadas pelo luar na serenidade dos lagos. Ouvir-te é cuidar a gente que vae librado nas azas dos anjos em demanda do azul immaculado. Mas escuta: já penetraste alguma vez no seio denso da floresta esbrazeada pela tempestade, ouvindo lá dentro rugir as feras, que a furia dos elementos agula e assanha, no intuito sobrehumano e verdadeiramente genial de te deixares devorar, trocando d'esta maneira a vida terrena pela immortalidade reservada aos verdadeiros vates? Não respondes. Adivinho que não. Oh! n'esse caso não esperes nunca ascender ao paraizo dos artistas, onde ha visões beatificas, logradadas apenas pelos predestinados. Fica-te para ahi no purgatorio dos "dilettanti", dos que tanto dedilham a lyra de Orpheu como a guitarra do "Mané Gregorio". Não serás tu que te assentes jamais ao banquete dos deuses; regala-te nos repastos modestos do restaurante da Cascata ou da "Malson Moderne".

— Agora tu, vate B. Os teus versos são detestaveis; afagam-nos a pelle como se nol'a friccionassem com raspasinhas de chifre; o que manqueja num, noutro sobeja, e, ao envez do que succede com o poeta idealizado por Junqueiro,

Foge a lua dos campos do horizonte,
 Fogem anjos, os soes, o proprio Deus
 Por não te ouvir o canto.

Tu, porém, de uma vez que te correram á pedra na praça publica por ateimares em impingir os teus versos á multidão desprezada, resististe com a mais endurecida fronte á ira desenfreada d'aquella turba fundibularia. Nesse momento o martyrio sagrou-te genio. Corre, pois, aos meus braços, a receber o salvo conducto para a immortalidade.

Se não é este o pensamento que se encerra naquelle periodo é que a ideia que o fecunda transcende em muito a minha acanhada comprehensão. O periodo anterior, porém, não deixa a minima duvida de que tal é a mente do autor das cartas, quando contesta a poetas consagrados a qualificação de artistas.

Tem razão o articulista quando remata: "A litteratura e as artes de um paiz são cousas muito mais sérias do que se julga vulgarmente".

Das esperanças litterarias reverdecidas com a entrada do novo anno uma ha que ainda não vi reitorida, com bastante magua do meu coração, que lhe quer muito, pelo alto conceito em que tem o seu cultivador.

Refiro-me ao ALBUM, de Arthur Azevedo: planta, ao que parece, da familia das sensitivas, visto como o simples fumo de um canhoneio a obrigou a retrahir-se, por algum tempo. Creio que anda nisto excessivo de sensibilidade affectuosa do autor dos CONTOS POSSIVIS, que lhe não permite divertir o coração e a intelligencia dos infortunios da patria.

Que cessem estes quanto antes e que aquelles volvam breve a sorrir-nos no ALBUM são os votos sinceros do mais obscuro dos chronistas.

JULIO VALMOR.

O ROMANCE BRASILEIRO

A NORMALISTA.—SCENAS DO CEARÁ
—por Adolpho Caminha.—1893.

I

Em todas as capitães provincianas existe uma sociedade meã, privada de dinheiro, mal educada, ordinaria pela origem, relaxada pela educação, que invade os interstícios deixados em aberto pela população morigerada. Essa gente, que, apesar da falta de recursos, figura e entra em competencia com os mais abastados do lugar, é precisamente a que sae ao encontro do observador superficial e se impõe aos visitantes da cidade como typo da civilização indigena. O grupo, assim organizado para surpreender a admiração dos incautos, compõe-se de arribados de outras provincias, de desclassificados na vida commercial do lugar, de empregados publicos gastos no instrumentalismo politico, e dos residuos de todos os temperamentos ruidosos attrahidos pelo movimento do centro provinciano ás sombrias aspirações da grandezza e do luxo. Syphilis moral era o nome que com mais propriedade se deveria dar a tal congresso de ruindades, se, com effeito, os elementos nelle aggregados não denunciassentendencias progressivas e audacias dignas de melhor direcção. Infelizmente a actividade, pelo menos cerebral, que sem contestação se nota no alludido agrupamento, tem applicações immediatas só para o mal, que com os seus arrojões e adiantamentos trazem a perversão e o infeccionamento precoce das familias menos acauteladas.

O phenomeno não é raro, e mais de um sociologista tem observado as suas devastações em povos incipientes. Febre de progresso chamam uns, philonéismo denominam outros; em todo caso trata-se de um estado doentio, produzido pelo desequilibrio entre a illustração e a capacidade de individuos indisciplinaes e por isso mesmo promptos para todas as aventuras. Victimas de verdadeira intoxicação intellectual, mestiços pela maior parte, ingorgitados de uma civilização que ainda pouco comprehendem, elles começam pela auzenia de escrupulos e terminam pelo completo naufragio do sentimento moral.

No Ceará essa especie de "babysmo" como bem o diria Lombroso, tem-se tornado característico após as periodicas calamidades climatericas, corporisando-se em mania expedicionaria, cujo alvo principal é o extremo norte do

Brasil. Embora tangidos pela fome, pelas agruras dos sertões de sua terra, raros são os retirantes que se não suppõem conquistadores dos seringaes, civilisadores dos rios desertos e destinados a purgar as regiões inhospitas do Alto Amazonas dos regatões portuguezes, e dos especuladores fibusteiros peruanos. Durante os tempos de tranquillidade e paz esse genio innovador traduz-se pela acceitação dos costumes os mais livres, e pela introdução de tudo quanto é bizarro na vida cidadã, sem que busquem guardar as devidas proporções, nem a modestia dos povos conservadores.

No meio d'esta movimentação irritada, é facil comprehender quanto a familia não deve soffrer no seu socego e na sua dignidade.

Nas grandes cidades, nos emporios commerciaes como o Rio de Janeiro, está visto que o relaxamento dos laços domesticos facilmente encontra escaudouro nos Polytheamas e nas casas de pensão equivocadas. A depravação não permanece por muito tempo desclassificada e o lar com pouco esforço desinfecta-se. Em cidades pobres, porém, onde a prostituição não existe systematisada, e, portanto, não dispõe de latibulos doirados, nem de "paraísos" discretos ou biombos tolerantes, que possam abrigar aspirações voluptuosas, succede que as irregularidades de costumes, sentindo-se encurraladas pela execração publica, conservam-se por mais tempo no interior das casas de familia, guardando uma attitude correcta entre as mais honestas. Pode-se afirmar que, na maior parte dos casos, taes indignidades, não encontrando modo de vicejar e expandir-se por falta de um ambiente apropriado, acabam por uma reabsorção igual á que se nota nos tumores abortados.

Parece que uma intoxicação d'essa natureza operou-se no Ceará depois da ultima secca e aggravou-se consideravelmente com algumas innovações introduzidas na capital d'aquella provincia pelo presidente de então, moço de innegavel talento, de aptidões raras para a administração, dotado de imaginação febril, acostumado á vida phantastica dos boulevards de Paris e ainda avido de sensações fortes. Essa intoxicação ou desequilibrio seria com mais probabilidade produzida pela irritação do "babysmo" alludido, por ventura adormecido na rotina da época anterior; e que naquelle periodo accendeu-se em appetites gargantuescos de um luxo impossivel, de uma vida high-lifeana sem base, e de um "flirt" avesso ao matutismo ainda não desbastado dos indigenas. E' precisamente esta situação historica da vida cearense que o Sr. Adolpho Caminha surpreheende como fino observador e transporta para o livro, formando com ella a "mise en scène" do seu romance.

II

O entrecho da obra é simples e nada tem de original, versando como versa sobre um abuso de confiança que tem servido de assumpto a mais de um romance. Todavia, o modo pelo qual se effectua esse abuso de confiança sae fora da vulgaridade, e os meios observados pelo romancista não parecem substituidos de eloquencia.

Padrinhos como João da Matta, que seduzem affilhadas abusando da intimidade domestica e da ascendencia tutelar, tem existido muitos; mas o que não é encontrado a cada passo é o se-

ductor caviloso de aidela, que, espelando a influencia do meio pervertido em que proprialmente introduz a sua victima, precipita-se sobre esta no momento critico da sua passagem do estado de casta para o de loureira, ao mesmo tempo que a admoesta e favorece a intercorrência de uma paixão ideal de moça romantica.

Neste ponto o Sr. Adolpho Caminha pode se lisonjear de ter conduzido os personagens principais do seu romance com maxima felicidade.

Por mais repugnante que seja a substituição de Maria do Carmo, menina ingenua e desamparada, e a sua imprevisita capitulação deante de um homem sordido que ella detesta e repelle, é irrecusavel que a naturalidade do facto justifica-se cabalmente não só pela composição do ambiente que a cerca, mas tambem pela entontecedora e subita invasão de costumes livres capazes de anarchisar os cerebros mais seguros, quanto mais a cabeça de uma creança desfibrada pelo contacto de pessoas desbriadas e destituidas dos mais rudimentares estímulos moraes.

João da Matta apresenta-se um pulha, incapaz do mais insignificante acto de audacias, suino no corpo e no espirito, indefezado contra as proprias asnidades. Entretanto, quando menos espera, encontra-o o leitor, transposto o Rubicon dos escrupulos paternos, triumphante, apesar de tratar-se de uma rapariga que está apaixonada por outro com quem ancia casar-se. Tudo isto, porém, desfaz-se sem grandes lutas, quasi, por assim dizer, de um modo material; e são as circumstancias, as putefrações adjacentes ao meio que se encarregam do desenlace fatal.

Maria do Carmo vae passear uma tarde á avenida Caio Prado, em companhia de uma collega normalista, e ahí encontra-se com o redactor da PROVINCIA, que não perde por falta de audacia e com o estudante Zuza, que a requesta com toda a delicadeza de estudante intelligente. A avenida está repleta de povo, e a banda de musica "dá começo a um tango, repinicado, saltitante e carnavalesco." O prestigio das multidões apodera-se da pobre moça, que, perdendo logo a noção da dignidade domestica, deixa-se deslumbrar pelo ruido festivo da sociedade; aceita o braço que o namorado lhe offerece e não tarda achar-se, como qualquer "cocotte," junto a uma meza de botequim, a tomar cerveja e a ouvir commentarlos "fin de siècle." Os effeitos d'essa audaciosa excursão no mundo desconhecido da roda sem escrupulos limitam-se, entretanto, em quanto a imprevidente moça conservava-se no jardim, ao furto de um beijo, arrebatado numa passagem mais escura da avenida. Ao entrar em casa, porém, a situação da pobre normalista assume um caracter gravissimo. Não é impunemente que uma menina bebe cerveja em companhia de rapazes num lugar publico. Maria do Carmo penetra no lar domestico "offegante, esfalfada, com a cabeça a arder, muito corada e alegre, o olhar cheio de meiguice, transfigurada pelos effeitos da cerveja, rindo por dá cá aquella palha." João da Matta, que espreeita a occasião, á espera da "maré do carvoeiro," não deixa passar a vasa, e embora naquelle instante não se prevaleça da embriaguez da affilhada, aproveita o momento da inconsciencia para, desculpando-lhe a falta, preparar terreno ao futuro triumpho. Nesta noite fatal Maria do Carmo

ente uma mão de homem afagar-lhe pela primeira vez o seio, e, completamente transtornada, como estudante que volta da sua primeira orgia, mergulhada nesse intermundo phantastico da inconsciencia, que é a ante-câmara do vicio, atrai-se "pesadamente na rede, vestida como estava, sem ao menos lembrar-se de soltar os cabellos," adormece e é assaltada por pesadelos indecentes.

"Suava em bicas, muito pallida," diz o livro, "como se acabasse de sair de um forno. Só então reparou, muito admirada, que estava com a mesma roupa com que fóra ao Passeio Publico. Riscou um phosphoro com a mão tremula, accenden a velinha de carnaúba e começou a despir-se depressa.

"Lá fóra, na rua, passava uma serenata. Uma voz de homem cantava uma modinha conhecida, acompanhada de violão e flauta:

"Não cho... res, querida Elvira..."

"Maria sentia-se doente, com um sabor desagradavel na bocca e uma dôr forte nas temporas. Vinha-lhe uma vontade de vomitar, de deitar fóra a cerveja que bebera; sentia um mal estar geral em todo o corpo, como se estivesse para cahir gravemente doente.

"Que seria, Deus do céu? Approximou a vela do espelho, um velho traste com o aço muito estragado, e achou-se muito abatida, os olhos fundos, uma crosta esbranquiçada na lingua. Nunca mais havia de tomar a tal cerveja, uma bebida selvagem, sem gosto, repugnante como um vomitorio. Só tomara naquella noite por causa do Zuza, porque ouvira dizer que "era moda nas grandes cidades" na Côrte e no Recife, as senhoras tomarem cerveja. Mas noutra não enha...

"Quiz chamar a Marianna para lhe fazer um chásinho de laranja, mas era muito tarde, podiam desconfiar, e depois o padrinho agora dormia na sala de jantar...

"Não, não, era melhor não incommodar a ninguem! aquillo havia de passar, se Deus permittisse.

"Tinha até se esquecido de resar... Ajorhou-se, mesmo em camisa, diante da oleographia que representava o Christo abrindo o coração á humanidade, balbuciou uma oração, persignou-se, e, mais aliviada, mais fresca, adormeceu novamente, pensando no estudante."

Esse amor pelo estudante, não obstante, deixa de exercer força no coração da donzella, premunindo-a das más companhias, das imitações civilizadas e dos pessimos caminhos por onde lhe parece mais facilmente poderá chegar ao casamento.

O sordido e crapuloso batracio ali está, proximo d'ella, no compartimento immediato, suggestionando-lhe o passo voluptuoso. O homem que lhe surprehendera o halito alcoolizado e a humilhação atufando-a nessa suprema demoralisação: que a desbriara, tolerando todas as suas imprudencias e quasi estabelecendo um "modus vivendi" de contactos lubricos, a todo o instante e a cada canto, só tinha que dar um salto e cahir sobre a presa estarecida.

E' o que por fim succede. A seducção verifica-se nas condições psychicas as mais propicias para um semelhante attentado. João da Matta contrariava systematicamente o casamento da tutelada, enlace que aliás se figurava á rapariga como um dom do céu, graças á posição social e á familia do namorado.

Pois bem, o repellente seductor surprehendera-a mal acordada, e, no escuro, despertando-lhe curiosidades indiziveis, quasi em estado hypnotico, entre terrores, anseios, excitações genesicas, e promessas de um noivado proximo, consuma o sacrilegio nefando.

O novel escriptor, como se vê, escolheu o pincel naturalista. Da palheta saem-lhe tintas gritadoras de um realismo muitas vezes obsceno; e a linguagem de alguns dos personagens excedem as raias do que de ordinario se permite em livros.

Deante das actuaes tendencias mysticas da litteratura é bem natural que o Sr. Caminha encontre uma critica prevenida a insurgir-se contra as paginas do livro, as quaes por isso mesmo, ha bem poucos dias, seriam lidas, relidas e applaudidas como especimens da mais apurada poesia.

Mas a mim pouco interessa que a obra tenha as características d'esta ou d'aquella escola, desde que essa obra revele talento e as mais pronunciadas disposições para o genero litterario de que se trata.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa.)

SERTANEJAS

(A VALENTIM MAGALHÃES)

I

Um sol de Abril esplendido radia,
Brosando de oiro as trevas searas;
Uma briza outomnal, fresca, arrepiã
De leve a copa ondeante das taquaras.

Pela aba azul da vasta serra
Cascatam regatos de aguas claras;
Na solidão da matta erma e sombria
Grasnam os papagaios e as araras.

Cantado da cacimba as lavandetas,
Dessem cantando, alegres, bandoleiras,
Uma canção de amor em tom magoado.

Ao latido longinquo de um rafeiro
Une-se a voz sonora de um vaqueiro
Pelas quebradas abaiando o gado!

II

Trilham elgarras pela matta umbrosa.
E' meio dia: os fartos ruminantes
Boseam a sombra augusta e mysteriosa
Das grandes oitycias farfallhantes.

Cantam as aves dos sarcaes distantes
A' beira da corrente murmurosa;
De um toiro, ao longe, os brados retumbantes
Resoam como troupa estridulosa.

Ladeira abaixo, desce galopando
Um grupo de vaqueiros, fugitando
Os ardentes e lepidos cavallos.

Um tropeiro assobia estrada fóra;
Distante echôa, limpida e sonora,
A compassada musica dos gallos!

III

E' tarde: o aracaty de manso beija
A fronde collossal dos joazeiros.
Voltam as vaccas aos curraes, arqueja
O sol, doirando os valles e os outeiros.

Voam bandos de pombos forasteiros
Em busca do sertão que além verdeja;
Os lavradores voltam galhofeiros
Da lucta do trabalho bemfazeja.

Balem ovelhas; pela serra estruge
O grito dos mocós; no pateo nuge
O gado manso á beira dos curraes.

Ao murmurar dos grandes arvoredos
O sabiá coufia seus segredos.
Livres, á solidão dos vastos mattagães!

IV

Céo de outomno. As estrelas vão abrindo
Lentamente as pupilas abrazadas;
O firmamento austero colorindo
De rutilantes vestes encantadas.

A luz do luar, no ether reluzindo,
Se derrama nas mattas sombreadas.
Como um pallio ideal se diluindo
Em ondas de quebradas em quebradas.

A' porta hospitalara da cabana
Desconta seus amores a serra
Meiga e dolente ao som de uma viola.

Depois, na solidão, erma e deserta...
Como uma eterna sepultura aberta,
A noite a cabeleira de senrola!

THEMISTOCLES MACHADO

PLEBISCITO LITTERARIO

QUAES SÃO OS SEIS MELHORES CONTOS
ESCRITOS POR LITTERATOS BRASILEIROS?

Como terminasse a 23 de Novembro ultimo o prazo marcado para o recebimento de votos para este plebiscito litterario, effectuámos a apuração das cédulas recebidas, a qual deu o resultado que se segue:

Para o primeiro logar obteve maioria de tres votos o conto — No Horto, de Coelho Netto, tendo sido menos votados os seguintes:

Para o inverno, de Coelho Netto; Venus, divina Venus! de Machado de Assis; Impossivel, de D. Adalina Vieira; O Imperio da lei, de Valentim Magalhães; Jesus de Nazareth, de Coelho Netto; Carisa, de Guimarães Passos; Noite na taverna, de Alvares de Azevedo; Um distico, de Machado de Assis; O primeiro dente, de Valentim Magalhães; Christo em Capharnaum, de Coelho Netto; Uma visita de Alcibiades, de Machado de Assis; O tio Jeronymo, de Medeiros e Albuquerque; Miss Dollar, de Machado de Assis; Regina, de "Ignotus"; Theoria do Medalhão, de Machado de Assis; A Casa Verde, de Machado de Assis; Magdala, de Coelho Netto; Lacrimatorio, de Coelho Netto; O ultimo concerto, de Luiz Guimarães Junior; A carteira, de Machado de Assis; Adagio, de Coelho Netto.

2º logar. — Houve um empate entre os contos: O primeiro dente, de Valentim Magalhães e De além tumulo, de Magalhães de Azeredo.

Recebemos ainda votos para os seguintes: Nostalgia da vaga, de Coelho Netto; O rebelde, de Inglez de Souza; Flôres de panno, de Valentim Magalhães; Lembra-te de mim, de José de Alencar; Os argonautas, de Virgilio Varzea; O paraíso, de Coelho Netto; A carteira, de Machado de Assis; Jesus de Nazareth, Christo em Capharnaum, Saudades e As flôres, de Coelho Netto; A grande estréa e Paradoxo do amor, de Valentim Magalhães; Primitivos, de Coelho Netto; Lien-Hôa, de Luiz Rosa; Coração de Caipira, de Lucio de Mendonça; A Forma, de Coelho Netto; Pés nús, de Emmanuel Karnero; As visitas, de "Ignotus".

3º logar. — Houve empate entre os seguintes contos: No Horto, Christo em Capharnaum e Innocencia, de Coelho Netto; Toalha de crivo e Desejo de ser mãe, de Arthur Azevedo; Canario doído e A grande estréa, de Valentim Magalhães.

Foram menos votados os seguintes: Lagrimas de noiva, de Coelho Netto; Atravez do passado, de Domicio da Gama; A parasita azul, de Machado de Assis; Ide! fazei o bem, de Medeiros e Albuquerque; O diabo, de Aluizio Azevedo; Estudo do Feio, de Machado de Assis; A peste, de Silva Tavares; Entrevista, de Arthur Azevedo; Bis in idem, de Medeiros e Albuquerque;

O Rabbi da Galiléa, de Luiz Rosa; As tres gottas, de Coelho Netto; As ruínas da gloria, de Fagundes Varella.

4º lugar.—A apuração para este lugar deu como resultado a primazia ao conto Fio de Ouro, de Alberto de Oliveira, seguindo-se-lhe A Walsa Phantastica, de Affonso Celso.

Foram recebidos mais votos para os contos que se seguem: Toalha de Crivo, de Arthur Azevedo; Goso não cobigado, de Luiz Rosa; Mãe Cabocla, de Lucio de Mendonça; A morte do Clown, de Valentim Magalhães; Uma lição, de Aluizio Azevedo; Desejo de ser mãe, de Arthur Azevedo; Innocencia e Pombas, de Coelho Netto; Marie Duvernoy, de Heitor Guimarães; Em nome da lei, e Honra profissional, de Viveiros de Castro; A perola, de Cesar de Carvalho; Jesus de Nazareth, de Coelho Netto; O palhaço, de Magalhães de Azeredo; O padre, de E. Rodrigues; A virgem loura, de Casimiro de Abreu.

5º lugar.—Mais um empate deu-nos o resultado da apuração para este lugar. Obtiveram o mesmo numero de votos os contos: Toalha de Crivo, de Arthur Azevedo; A perola, de Cesar de Carvalho e Um homem superior, de Heitor Guimarães.

Foram ainda votados os que se seguem: A grande estréa, de Valentim Magalhães; Zahuri, de Coelho Netto; Lien-Hôa, de Luiz Rosa; As violetas, de Julia Lopes; Plebiscito, de Arthur Azevedo; Noite na taverna, de Alvares de Azevedo; Aos vinte annos, de Aluizio Azevedo; Nostalgia da vaga, de Coelho Netto; Walsa fantastica, de Affonso Celso; Salamandra, de Coelho Netto; Desejo de ser mãe, de Arthur Azevedo; Convalescente, de Heitor Guimarães; Jesus de Nazareth, Jettatura e Magdala, de Coelho Netto; O segredo profissional, de Viveiros de Castro; Regina, de Julia Lopes; Na fazenda, de Ezequiel Freire; Coralia, de Oscar Rosas.

6º lugar.—Obteve-o A grande estréa, de Valentim Magalhães, seguindo-se: Desejo de ser mãe, de Arthur Azevedo; Um distico, de Machado de Assis. Houve ainda votação para os abaixo discriminados:

A saudade, Jesus de Nazareth, Nostalgia da vaga, Innocencia e As pombas, de Coelho Netto; Amor de Maria, de Inglez de Souza; A borboleta azul, de Emmanuel Karnero; O que é plebiscito?, de Arthur Azevedo; O retrato, de "Ignotus"; Flôres de panno, A grande estréa, Agencia de sovas e Antes Sapateiro, de Valentim Magalhães; A caôlha, de Julia Lopes; Soror Martha, de Arthur Azevedo; O ultimo tiro, de Guimarães Passos; O anão, de Emmanuel Karnero; A palavra de Deus, de Guimarães Junior; O lenço da condessa, de Affonso Celso; A cabeça de Tiradentes, de Bernardo Guimarães e Convalescente, de Heitor Guimarães.

O resultado da nossa consulta litteraria foi negativo, portanto, uma vez que só para tres lugares é que não houve empate na votação. Foi um acaso curioso esse de haver empate em tres dos logares, facto bem explicavel por serem os mesmos contos votados para collocações diversas, o que dividio muito a votação.

Do que observámos e pôde tambem observar o leitor, os contistas mais lidos são Coelho Netto, Machado de Assis e Valentim Magalhães—o que é natural, pois são elles os que mais numerosa e

assiduamente têm cultivado esse difficil genero.

Publicamos em seguida algumas das chapas firmadas por nomes authenticos.

Dos contos de litteratos brasileiros lidos por mim, os 6 que considero melhores são:

1º, O ultimo concerto—Luiz Guimarães Junior; 2º, Lembra-te de mim—José de Alencar; 3º, A parasita azul—Machado de Assis; 4º, A morte do clown—Valentim Magalhães; 5º, As violetas—Julia Lopes; 6º, O que é plebiscito?—Arthur Azevedo.

S. Paulo, 6 de Dezembro de 1893.

GARCIA REDONDO.

N. B.—Nas condições em que foi estabelecido o plebiscito, me parece que as Rhapsodias, de Coelho Netto não podem entrar em concorrência por consideral-as mais no genero de quadros do que de contos. Não fôra isso, e eu lhes daria o meu voto, porque considero-as um primor de fórma e de originalidade.—G. R.

1º, A carteira—Machado de Assis; 2º, Flôres de panno—Valentim Magalhães; 3º, Atravez do passado—Domicio da Gama; 4º, Mãe cabocla—Lucio de Mendonça; 5º, Lien-Hôa—Luiz Rosa; 6º, A borboleta azul—Emmanuel Karnero.

VICTOR SILVA.

1º, A casa verde—Machado de Assis; 2º, Flôres de panno—Valentim Magalhães; 3º, O diabo—Aluizio Azevedo; 4º, Desejo de ser mãe—Arthur Azevedo; 5º, Noite na taverna—Alvares de Azevedo; 6º, Innocencia—Coelho Netto.

FONTOURA XAVIER.

1º, Rose Castle—Virgilio Varzea; 2º, Nostalgia da vaga—Coelho Netto; 3º, No Horto—Coelho Netto; 4º, Toalha de crivo—Arthur Azevedo; 5º, A grande estréa—Valentim Magalhães; 6º, Jesus de Nazareth—Coelho Netto.

CESAR DE CARVALHO.

1º, Jesus de Nazareth—Coelho Netto; 2º, Paradoxo do amor—Valentim Magalhães; 3º, Bis in idem—Medeiros e Albuquerque; 4º, O palhaço—Magalhães de Azeredo; 5º, O segredo profissional—"Ignotus"; 6º, O ultimo tiro—Guimarães Passos.

M. B. CEPellos.

1º, Theoria do medalhão—Machado de Assis; 2º, A carteira—Machado de Assis; 3º, Estudo do feio—Domicio da Gama; 4º, Innocencia—Coelho Netto; 5º, Aos vinte annos—Aluizio Azevedo; 6º, Flores de panno—Valentim Magalhães.

PLACIDO JUNIOR.
MAX FLEIUSS.

1º, Venus, divina Venus!—Machado de Assis; 2º, A fórma—Coelho Netto; 3º, As ruínas da gloria—L. N. Fagundes Varella; 4º, A virgem loura—Casimiro de Abreu; 5º, Na fazenda—Ezequiel Freire; 6º, Antes sapateiro—Valentim Magalhães.

ARTHUR GOULART.

1º, No Horto—Coelho Netto; 2º, Primitivos—Coelho Netto; 3º, Canario doido—Valentim Magalhães; 4º, Jesus de Na-

zareth—Coelho Netto; 5º, A toalha de crivo—Arthur Azevedo; 6º, A grande estréa—Valentim Magalhães.

BASILIO DE MAGALHÃES.

1º, Adagio, ("Rapsodias"),—Coelho Netto; O rebelde, ("Contos Amazonicos")—H. Inglez de Souza; 3º, Lagrimas de noiva, ("Rapsodias")—Coelho Netto; 4º, Goso não cobigado—Luiz Rosa; 5º, Zahuri, ("Rapsodias")—Coelho Netto; 6º, Amor de Maria, ("Contos Amazonicos")—H. Inglez de Souza.

FARIA CASTRO.

1º, Theoria do medalhão—Machado de Assis; 2º, No Horto—Coelho Netto; 3º, João Mandy—Lucio de Mendonça; 4º, Fio de ouro—Alberto de Oliveira; 5º, A caôlha—Julia Lopes de Almeida; 6º, Pedro Gobá—Ezequiel Freire.

VALENTIM MAGALHÃES.

1º, Canario doido—Valentim Magalhães; 2º, Theoria do Medalhão—Machado de Assis; 3º, Fio de ouro—Alberto de Oliveira; 4º, Innocencia—Coelho Netto; 5º, O palhaço—Magalhães de Azeredo; 6º, Os argonautas—Virgilio Varzea.

LUIZ ROSA.

1º, O caso da vara—Machado de Assis; 2º, Desejo de ser mãe—Arthur Azevedo; 3º, Cinzas frias—Alcindo Guanabara; 4º, João Mandy—Lucio de Mendonça; 5º, Flores de panno—Valentim Magalhães; 6º, Os primos—Emmanuel Karnero. (Com a declaração de que essa ordem é apenas a ordem em que elles me vêm á memoria).

PEDRO RABELLO.

1º, Nostalgia da vaga—Coelho Netto; 2º, Flores de panno—Valentim Magalhães; 3º, Lien-Hôa—Luiz Rosa; 4º, Aos vinte annos—Aluizio Azevedo; 5º, A carteira—Machado de Assis; 6º, A grande estréa—Valentim Magalhães.

JULIO DE SOUZA.

1º, A caôlha—Julia Lopes de Almeida; 2º, A morte do clown—Valentim Magalhães; 3º, Pedro Gobá—Ezequiel Freire; 4º, Cantiga de esponsaes—Machado de Assis; 5º, Mãe cabocla—Lucio de Mendonça; 6º, O balanço de Annita—Alberto de Oliveira. (Se houvesse mais um lugar seria para "Os palhaços" de José Vicente Sobrinho.)

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

AZAS DE MARMORE

(A MAX FLEIUSS)

Passas por mim, tão fria, ó flôr do pólo,
Que me lembras a frígida esculptura
De um anjo que eu já vi, ó desconso!
De azas abertas, numa sepultura...

Fria expressão no marmore fulgura:
O anjo, no entanto, mãos em cruz no collo,
Os olhos prega na celeste altura,
As azas despregando d'este solo...

E, vendo-te, somnambula formosa,
Passar, indifferente, silenciosa,
Como dentro de um manto de luar,

Penso que do teu corpo o alvo peccado
E' mais frio que o marmore sagrado
D'aquellas azas brancas a voar...

S. Paulo—Novembro—1893.

WENCESLAU DE QUEIROZ

CARTAS Á MINHA IRMÃ

III

28 DE DEZEMBRO.

Num papel fino com flores ligeiramente bordadas, numa tira extensa e larga, fomos hoje alegremente saudados pelas primeiras notícias tuas da terra do Mikado. . . Esse papel japonês trouxe-me uma sensação nitida do magnifico paiz e, atravez das delicadas ramagens das flores artificiaes, surgiu-me perfeita a caraça bonachona de um burguez do Japão, serio e grave, com o rabicho torcido em uma penca no cocuruto. . . Abriu-se-me a bocca em um riso jovial, ri-me, e a japoneza sumiu-se e desenrolarem-se-me á vista as linhas da tua escripta apressada e impressionista, que se vae bamboleando pelo papel abalxo como uma mandarina de Tokio vae pela rua principal da sua cidade, á escolha de rendas com que se enfeite para, á hora calmosa da sesta, enquanto o vento toca sua marcha solemne de assobios pelos arvoredos do jardim, Ir, toda gentil, toda esbelta, toda em enfeites, coçar com o dedo minlmo o queixo rapado do marido pausado. . . E o arvoredo, por entre os assobios, estremece, pois é a hora sagrada em que o occidente com sua guéla de fogo engole o sol, deixando o céu vivo sepultar-se na treva, d'onde brotará (se os deuses quizerem) o globo macio da lua, com o facho languido do seu clarão a rodar pela terra. E a tua escripta vae bamboleando pelo papel abalxo. . .

Depois, quando me contas que no banal dia de S. Malaquias, nessa sexta-feira luminosa em que completou mais em feliz anno S. M. o Imperador do Japão, todo mettido na sua tunica de seda crúa, em que recortes de fibra de bambú fazem bordados, indo ao baile de gala que então Tokio viu, quando me contas que ahí admiraste uma princeza com a frente de sua veste toda repleta de joias de custo, saltou-me na mente, na mente phantasiosa que o teu irmão tem, um sonho asiatico que me foi, sem cerimonia alguma, collocando no salão de baile, nos braços cbr de marfim da princeza, n'uma dança cheia de mencias acrobaticamente voluptuosos. E noutro dia teu irmão, minha adorada irmã, era um príncipe, pesado de pedrarias, depois de ter passado algumas curtas horas, á espera do sol, num immenso leito principesco, em um quarto coherito de tapeçarias, com uma clarabola de vidros de côres, por cima da qual a lua arregalava o seu olho sensual. . . E apenas a manhã, a doce e fresca manhã japoneza, desabrochava do calice escaurlate do oriente, eu ia passear nas ruas e praças da cidade a minha riqueza e a minha felicidade, e nas lojas de "bibelots" os cuixeiros, sentados nos balcões, embasbacavam-se a me olhar, e á porta das vivendas dos nobres, dos ministros, dos fidalgos de rabicho que se arrasta pelos pés, as meninas aristocraticas vinham offerec-me, num sorriso atrevido dos seus olhos compridos, a sua deliciosa virgindade. . . .

E lá se me foi o sonho asiatico, e aqui me acho só, com a penna na mão e com uma saudade maguada das joias de custo da princeza. . .

Esperas ancioso pelo proximo dia da festa dos crysanthemos, no decimo dia do mez de Novembro, que, segundo di-

zes, prometta maravilhas, pois é a festa da flôr de coração do japonês, o symbolo justo do paiz brilhante na sua côr de ouro desmaiado, a flôr cuja prisão galante é a cabeleira que rescende ao musgo cheio de volupia mysteriosa, juntamente com o aroma provocante do arroz secco. E quantas d'essas cabeças chelas de aroma não hão de ir encantar a festa dos crysanthemos, e al! como eu sinto não ser japonês para as enrolar debaixo do meu braço, pelas noites callidas, e ir beijando-as, beijando-as, até que o sol salte no céu, jocoso e rubro, qual um demonio chocadoreiro. . .

. . . E passaste o Natal de Christo, o nosso Deus, no paiz de Confucio, o philosopho mystico de sol e de divindades pagãs de grandes ventres. Emquanto ahí estás, nasceu por cá o menino Jesus e ai! que lindo que elle nasceu! Depois de uma grande trovoada, brilhou no céu lavado a lua pura, casta e immacula como Maria de Nazareth, e em todas as hortas, por entre o halito fresco das hervas, os gallos cantaram boas-festas, e os sinos badalaram tranquilos, com revoadas de preces, chamando-me para a missa, a mim, este teu irmão hereje, que sente no emtanto a alegria expandir-se-lhe na alma no santo dia de Natal.

JOSÉ VICENTE SOBRINHO.

S. Paulo, 1893. (19º anno).

A' NOITE

A estas horas, enquanto o amplo sendal das
[brumas
Escurece lnda mais a noite, amplo e disforme,
Dos tépidos lençoes entre as alvas espumas,
Olhos fechados, bocca entreaberta, ella dorme. . .

Dorme, enquanto cá fóra as nocturnas baifagens,
Que atravessam o espaço em morosos arraucos,
Annunciam que sob o tecto das folhagens
Perpassam subtilmente unctuosos corpos bran-
[cos. . .

Dorme, ou vela talvez, que hoje, timida e canta,
Me disse, olhando o céu como quem olha a esmo,
Numa voz clara, onde erra uma nota de flauta:
"Espero-te hoje, á noite." E acrescentou: "Vem
[mesmo?"]

"Venho, mas, para que?" Disse-lhe com ternura,
Olhando-a após com a mais fugida indiferença,
Ella teve no olhar um brilho de censura,
E na formosa bocca una phrase suspensa. . .

E eis-me a esperal-a, pois. Minha alma se retouca
De impaciencia de vel-a. . . E sinto-me tão farto
Já de esperal-a. . . Como um halito de moça,
Evolu-se-me em torno o aroma do seu quarto.

Mas ell-a! O aureo cabello atado por um nastro,
Branca, pallido o rosto, inquite o vacuo, espilha
A sombra. . . E o seu olhar claro e brilhante de
[astro
Parece illuminar todas as cousas que olha.

Reconheceu-me, emfim! Já se aproxima: os
[passos
Move; olha em toruo; pára; accende o olhar;
[caminha. . .
"Não temas, sou eu mesmo. . . Els-te, emfim, nos
[meus braços!
Minha, e de mais ninguem! minha, sómente
[minha!"]

S. Paulo. JULIO CESAR DA SILVA.

GAZETILHA LITTERARIA

Está publicado o novo livro do nosso eminente collaborador Dr. Martius Junior:—**TELA POLYCHROMA**. Ainda não tivemos, comtudo, o gosto de ler a nova obra do illustrado cantor das **VISÕES DE HOJE**.

O **CORAÇÃO** intitula-se a collecção de poesias de Zalina Rolim, a nossa joven e inspirada poetisa. E' um volumezinho elegante, nitido, convidativo. Só não nos agrada o retrato da autora, em xylographia.

O original é infinitamente mais deli-cado, sympathico e formoso. Sem tempo para dizer do livro neste numero, recommendamos com empenho a todas as nossas leitoras os versos encantadores de Zalina Rolim — harmoniosos e puros como a sua alma de virgem.

Araripe Junior, o critico eminente de José de Alencar, volta a honrar-nos com a sua collaboração. D'elle começamos hoje publicar um estudo d'**A NOU MALISTA**.

Accedendo gentilmente ao nosso convite, está Araripe Junior escrevendo o retrospecto litterario do anno findo.

Para que esse trabalho seja o mais completo e consciencioso possível, pedimos a quantos hajam publicado obras no correr do anno transacto a gentileza de nos enviar um exemplar, que faremos chegar sem demora ás mãos do illustrado autor do nosso **RETROSPECTO LITTERARIO**.

Terminaram, ao que parece, as **CARTAS LITTERARIAS** de A. C. na **GAZETA DE NOTICIAS**.

O autor conclue proclamando Coelho Netto e Aluizio Azevedo os dois escriptores mais activos e operosos da geração actual,—no que tem talvez razão,—e fazendo taboa rasa de todos os demais, só considerando artistas Cruz e Souza e Bernardino Lopes—o que é clamorosa injustiça.

Vê-se logo que o critico é joven, tem sangue na guelra e quer fazer barulho para dar na vista. Bom proveito.

Coelho Netto vae encetar n'**O PAIZ** a publicação de um novo romance, intitulado **INVERNO EM FLOR**—um titulo soberbo.

O assumpto é o estudo da paixão amorosa de um velho por uma sua pupilla, a analyse minuciosa da transformação do santo amor de pae no desregrado e vehemente amor carnal. O mesmo assumpto, em summa, do **DOCTOR PASCAL** e quasi o mesmo d'**A NORMALISTA**. Estamos anciosos pela leitura do **INVERNO EM FLOR**.

Para o primeiro dos nossos 4 concursos annuaes já recebemos um trabalho. Traz a legenda—"SU'ALMA, SUA PALMA."

OS COLLEGAS

Reappareceu **L'ECHO DU BRÉSIL**. Traz agora como redactor-chefe ainda um Jorge; mas, desta vez é o Sr. Jorge Lardy, jornalista de pulso firme e tirocinio feito.

O programma do Echo continúa sendo o mesmo. O artigo de fundo, epigraphado **LA SITUATION**, é criterioso e justo. Termina por estas palavras, cheias de alentadora confiança no futuro do Brasil:

"A educação politica está se fazendo rapidamente ao troar do canhão e ao zunir das balas, e quando a Nação sair d'esta crise, que todos os povos livres têm atravessado, ella saberá dirigir-se sózinha e a Republica nada terá que temer das ambições pessoais."

Saudamos ao digno collega.

Eil-a nóvamente a visitar-nos a nossa velha amiga **GAZETA DE NOTICIAS**, que uma ordem policial havia suspendido; eil-a a visitar-nos todas as manhãs, leve, travessa, variada, e agora enriquecida por illustrações humoristicas do nosso Belmiro de Almeida.

THEATROS

Com a prolongação da revolta, que, ha quatro mezes paralyza todas as manifestações da actividade nacional, os theatros cada vez menos fazem e vão se dissolvendo ou emigrando as companhias que nelles trabalhavam.

A do Variedades anda excursionando ainda pelo estado de Minas; a do Santa Anna desmanchou-se; a do Lucinda não dá signal de vida. Só resistem ainda a do Recreio, que vaeservindo ao publico o velho repertorio dramatico, e a do Apollo, que vaendo tem-te-não caias, com A VOLTA DO MUNDO, o ABACAXI, etc.

Grças a essas causas consternadoras, viram-se Eduardo Garrido e Arthur Azevedo obrigados a suspender os ensaios do PUM! que fica para melhores tempos.

O Conservatorio Dramatico prohibio a representação do novo quadro escripto pelos autores do ABACAXI em additamento a esta revista, e que se intitulava UM ARRASTADO EM CASA DE MARIA RITA.

E porque prohibio o Dr. Ataliba Dramatico, queremos dizer: o Conservatorio Dramatico a exhibição do promettedor "Arrastado?" Explicou-o Vicente Reis, um dos paes do ABACAXI, em uma carta, espirituosa e sensata, dirigida a O PAIZ. Foi por não estar o tal quadro escripto em "linguagem litteraria!" "Où la litterature vâ-t'elle se nicher!" Esta é de rebenta-cós!

E' necessario eliminar a Censura. Ella não pode existir em face do § 12º do artigo 72 da Constituição e, sobretudo, ante o espirito alta e amplamente democratico e livre do nosso estatuto fundamental.

A censura prévia, hoje, no Brasil é uma excrecencia moral, sobre ser um attentado constitucional.

Abaixo a Censura! Abaixo o Conservatorio!

E' tempo de apeiar o amavel mas obsoleto continuador da Mesa do Desembargo do Paço do alto dos seus tacões magestáticos.

Além de que, não se comprehende a coexistencia de duas censuras: a do Conservatorio e a da Policia. Se uma só é de mais!

Que a Policia assista, representada por pessoa idonea, ao ensaio geral de cada peça, como se faz em Lisboa, e autorise, modifique ou prohiba o que lhe parecer offensivo aos bons costumes e á ordem publica — é razoavel, é admittivel. Tudo o que for além é abuso, é attentado, é ridiculo.

Lembram-se, porventura, os leitores de que haja feito beneficio o actor Maggioli? Não; nem eu. Ha nove annos que o velho e proveccto artista, um dos ultimos abencerrages da boa arte dramatica não se soccorre a esse meio de que usam e abusam as seus collegas para recheiar o bolsinho.

Pois bem. Maggioli fará beneficio a 24 deste mez, no Recreio Dramatico, a cuja companhia pertence, com o venerando mas sempre applaudido drama de D'Ennery — A CRUZ DA MORTA, em 5 actos, 7 quadros e innumeradas comcoções.

Como ha nove annos que elle não se beneficiava, cada um de seus admiradores, que são muitissimos, deve-lhe nove bilhetes de beneficio; portanto, nove bilhetes, deve comprar cada um d'elles para o beneficio do Maggioli, a 24 do corrente.

Em Maio d'este anno deve chegar aqui a companhia de opereta de que é director Souza Bastos e que ora trabalha no Theatro da Trindade, de Lisboa.

Eis o seu elenco. Actrizes: Pepa Ruiz, Anna Pereira, Amelia Barros, Mercedes, Blasco, Augusta Cordeiro, C. Fantasy, Izaura Ferreira, Amorim Vianna, Adocinda Lobato e Estephania Pinto; actores — Raymundo Queiroz, Augusto, Portugal, Alfredo Carvalho, Gomes, Oliveira, Justino, Miranda, Fernandes e Teixeira.

Repertorio: A HERANÇA DO ALCAIDE, D'ARTAGNAN, TRES DIAS NA BERLINDA, BARBA AZUL, O MIKADO, VIAGEM DO REI CARRAPATO, O TRAGABALAS, A CÔRTE DO REI PIMPÃO, A GUERRA ALEGRE, OS 28 DIAS DE CLARINHA, A SULTANA, O SEGREDO DE UMA DAMA, UMA NOITE EM VENEZA, BOCCACIO, OS GRANADEIROS, A MASCOTTE, RAPHAEL E A FORNARINA, DIA E NOITE, REVISTA DE 1893, D. JUANITA, FIM DE SECULO, TIM-TIM POR TIM-TIM, etc., etc., etc.

P. TALMA.

MUSICA E DANSA

CONCURSO MUSICAL

Ao encetar suas transacções commerciaes, a casa Fontes & C., estabelecida com commercio de pianos e musica, instituiu premios annuaes para os compositores, cujas produções musicas, editadas pela mesma casa, maior successo obtivessem durante o anno.

Nesse sentido, o concurso do anno findo, teve o seguinte resultado:

MUSICA E DANSA (piano)

Premios: 150\$000 ao 1º e 50\$000 ao 2º

Premiadas: MADRIGAL, valsa, de Aurelio Cavalcanti.

ANDALUZA, valsa, de J. Ferreira Torres.

PEÇAS ORIGINAES (piano)

Premios: 150\$000 ao 1º e 80\$000 ao 2º

Premiadas: AMOR DE MÃE, gavotta infantil, de Miguel Cardoso.

MAGDÁLA, valsa poetica, de Julio Reis.

Logo que o digno director do Instituto Nacional de Musica communique á firma Fontes & C. o nome do alumno que terminou o curso em 1893, com maior applicação e brilhantissimo, selhe-ha conferido o premio de 200\$000. Este premio tambem é annual.

Como festas recebemos da mesma acreditada casa dos Srs. Fontes & C., exemplares das seguintes peças editadas em seu estabelecimento:

PAGLIACCI, transcripção para piano; MAGDÁLA, valsa poetica; I PESCATORI DI PERLE, transcripção para piano, todas do nosso collaborador Julio Reis; MADRIGAL, valsa, de Aurelio Cavalcanti; ANDALUZA, valsa, de J. Ferreira Torres; AMOR DE MÃE, gavotta infantil, de Miguel Cardoso; UFANA, valsa, por D. Amalia Braga; CAROLINA, mazurka, de Aurelio Cavalcanti; SAHE POEIRA! polka, por D. Julia L. d'Oliveira.

Decididamente o sympathico Fontes vai ser o nosso Ricordi!

Os bravos e invenciveis Democraticos enterraram o negregado anno velho na noite do dia de S. Silvestre com um baile archi-metralhativo e ultra-ribombastico. As mais illustres representantess do "monde de la haute nocte" estiveram, apesar do calor nubiano que liquefazia os cerebellos, á altura de um principio... final.

Dançou-se com enthusiasmo até que a aurora com os seus classicos dedos cor de rosa entreabrisse as venezianas do céu. A ceia, que esteve o-pi-pa-ra, foram erguidos vivas e "hurrahs!"

Honra aos foliões heroicos que desafiam as granadas a pinchos de cancan!

Como antes tarde que nunca, apresentamos nossos cumprimentos e boas vindas ao joven e talentoso maestrino Luiz Moreira, que chegou ha pouco de França, onde passou oito mezes frequentando conservatorios e casas de opera. Luiz Moreira deve regressar á França em Março proximo, para completar seus estudos musicas.

J. SONÓRO.

CONCURSOS LITTERARIOS

Fizam estabelecidos quatro concursos trimensaes, de prosa e verso.

O primeiro, aberto, desde já, será encerrado no dia 15 de Fevereiro; o segundo será aberto a 1 de Abril e encerrado a 15 de Maio; o terceiro será aberto a 1 de Julho e encerrado a 15 de Agosto, e o ultimo será aberto a 1 de Outubro e encerrado a 15 de Novembro.

CONDIÇÕES GERAES

Os manuscritos, dirigidos ao director d'A SEMANA, trarão, em vez de assignatura, uma divisa ou legenda e devem ser escriptos em letra bem intelligivel.

Devem ser todos completamente inéditos.

Cada manuscrito será acompanhado de uma sobrecarta, na qual se leia a divisa ou legenda correspondente ao manuscrito, a declaração: "Prosa" ou "Poesia", e dentro da qual virão o nome e a residencia, do autor do trabalho.

Quer para as composições em prosa como para as em verso a maxima liberdade é concedida para a escolha do assumpto e a fórma da obra.

O mesmo autor pôde concorrer a ambos os torneos, tanto o de prosa como o de poesia. Cada concorrente só pôde apresentar um trabalho.

Os trechos de prosa—contos, quadros, fantasias, seja o que for—não deverão ter menos de 150 linhas (de uma tira de almaço) nem mais de 400.

Os poemas não conterão menos de 14 versos nem mais de 150.

Nos mezes de Março, Junho, Setembro e Dezembro serão publicados os trabalhos premiados em cada concurso anterior.

OS PREMIOS

Para o concurso de poesia só estabelecemos um premio. Para o de prosa—tres: primeiro, segundo e terceiro. Se acontecer que dous, tres ou quatro poemas mereçam o premio unico, será este conferido a um e os outros passarão para o seguinte concurso. O mesmo para o caso de merecerem varios trechos de prosa o primeiro dos tres premios.

Consistirão estes em livros de luxo, raridades bibliographicas, autographos preciosos, retratos de celebridades, ricamente emoldurados, etc.

A DIRECÇÃO.

COLLABORAÇÃO

A DANSA DO VÉO

Pallidos tons do crepusculo vespertino illuminam as esbeltas columnatas do Templo d'Isis e ouvem-se rumorejar ao longe as fertilisadoras aguas do Nilo!

Suave brisa agita os leques das esguias palmeiras e a sacra Isis já ensaia o véo ao caro pinho, escondido entre os lotus e as tuberosas!

De vez em quando, as baunilhas e os cinamomos entreabrem as avelludadas coróllas e inebriantes perfumes imprégnam o ambiente!

Esplendido luar já illumina parte do atrium sagrado, e desenha ao lado magica sombra!

Por clima da leve areia estendem o listrado tapete. Afinam-se as frantias, alçam-se os tamborins, as douradas harpas recostam-se ao hombro dos músicos e desprendem electrizantes acórdes!

A turba dispõe-se em circulo.

Um vulto, especie de fada dos amores, como por encanto, surge em cima do tapete!

Longo véo côr-de-rosa envólve-o todo. A' proporção que a musica anima-se,—o véo ondêa, ála-se, deixa admirar o contorno do niveo braço, a fórma da pequenina mão, a graça do mimoso pé, a linha voluptuosa do corpo seductor!

De repente, no voltar do tentador ballado, o véo desprende-se, desliza, cahe,—oh! deslumbramento! — e resplende divinal o alabastrino corpo da Almêh,—os pésinhos a furtivamente beijar a alfombra, o dorso alrosamente curvado, as mãos a agitar a dourada pandeireta, os rijos seios a arfar, os negros cabellos a acariciar a sombra,—toda abrazada a celeste huri pela fadiga, amorosamente beijada pelos extaticos olhares da turba que applaude, que exulta, e que se embriaga com essa visão toda luz, toda perfumes, toda amôres!

Durante a scena, mil estrellas scintillam nos céos, como outras tantas huris, avidas de gosar aquella feérica visão, porém chelas de inveja d'essa mulher, que parece irmã das Nymphas e rival de Venus!

JULIO REIS.

("Scenas e Fantasias.")

NOCTAMBULOS

Abro a janella, e, como se eu soubesse, O Azul todas as noites contemplando, Vejo passar aligero, fugace, bando de sombras, mysterioso bando...

Passa, revêta tão subtil, tão brando, Tão brando e leve, do infinito em face, Que, assim, parece quando vai voando Turba de sylphos que a voar passasse...

Não pára, segue. E quanto mais os vejo, Lida taes uma vez ficar desejo Esses espectros pallidos, tristonhos!

Ninguem os vê, ninguém os viu ainda, Pois nenhum outro olhar, nenhum, deslinda Sombras que são as sombras dos meus sonhos...

Reelfe—1893.

DOMINGOS LEXO.

Factos e Noticias

O nosso estimado collega Coelho Netto, ora em Vassouras, acaba de perder seu filhinho Paulo, de dois mezes de idade—aurora permanente de seu lar feliz e calmo. Nossas condolencias.

O nosso companheiro Max Fleiuss, tem recebido larga e cordialissima hospitalidade em S. Paulo, tanto dos collegas de imprensa como do publico. A todos agradecemos, em nome d'elle e em nosso nome, penhoradissimos.

O Dr. Joaquim Dias Laranjeira, cunhado do nosso collaborador e amigo Urbano Duarte, acaba de ser duramente golpeado no coração com a perda de sua querida esposa, filha do general Azeredo Coutinho. Nossos pesames.

Pede-nos o nosso collaborador Damasceno Vieira a inserção do seguinte erratum:

"Em o n. 21 d'A SEMANA, pag. 163, 7ª linha, onde lê-se "a lembrar uma estatua negra," lê-se: "a lembrar uma estatua grega."

FOLHINHAS E ALMANACHS

D'A EDUCADORA recebemos alguns lindos e elegantes calendarios perpetuos de pôr sobre a mesa, em fórma de quadros.

Nelles se lêem os dois seguintes aforismos, cuja ponderação recommendamos aos leitores:

"O seguro de vida é a providencia dos pobres."

"O seguro de vida é a tranquillidade dos ricos."

Pelos proprietarios da grande e opulenta casa de artigos para homem A Torre Eiffel, os Srs. F. Portella & C., fomos mimoseados com dois lindos calendarios de parede, duas perfumosas carteiras de seda e varias colleções de cartões—chromos; tudo revellando muito bom gosto, além da refinada gentileza dos offeriantes.

Obrigadissimos.

Os Srs. Cardozo, Freire & C., estabelecidos nesta cidade com officinas de impressão e composição, offereceram-nos, como presente de bons annos, uma esplendida folhinha de desfolhar, collocada num mimoso cartão com desenhos chromoltographados. Acompanhando o gracioso presente, recebemos ainda seis calendarios-agenda, tudo para o anno de 94. Calendarios e folhinha são dignos de ser apreciados pela perfeição, nitidez e supremo gosto com que foram feitos naquellas officinas, talvez as primeiras d'esta cidade. Os Srs. Cardozo, Freire & C. levaram a sua bondade para com a imprensa ao extremo de mandarem gravar em cada uma das folhinhas o nome dos jornaes por elles mimoseados.

Pela parte que nos toca enviamos-lhes d'aqui sinceros agradecimentos pelo mimo de bom gosto.

ARCHIVO

Recebemos e agradecemos:

O MAR—novella do Sr. Alves de Farias, com uma carta-prefacio do conhecido contista Virgilio Varzea.

Folheto de 60 paginas, regularmente impresso em Carangola.

— AMÉRICO DE ALBUQUERQUE, homenagem ao talento, ao caracter e ao civismo. É uma polyanthêa encommiastica dos talentos e virtudes d'aquelle cavalheiro, com o seu retrato na primeira pagina.

— DA ALIMENTAÇÃO DA CRIANÇA, historia apresentada á Academia Nacional de Medicina pelo Dr. Publico de Mello. 1893.

— O CORAÇÃO, poesias de Zalina Rollim. S. Paulo. 1893.

— VERSOS DE UM BOHEMIO, por Braz Patife. Rio de Janeiro, 1893.

— A REDEMPÇÃO DE TIRADENTES, drama historico, em um prologo, quatro actos e quatro quadros (original brasileiro) por Fernando Pinto de Almeida Junior. Rio de Janeiro, 1893.

ANNUNCIOS

EU ERA ASSIM:



E CHEGUEI A FICAR QUASI ASSIM:



Soffria horrivelmente dos pulmões, mas graças ao milagroso Xarope Peitoral de Alcatrão e Jatahy, preparado pelo pharmaceutico Honorario do Paado,

CONSEGUI FICAR ASSIM:



COMPLETAMENTE CURADO E BONITO!!

Esse xarope cura TOSESSES, bronchites, asthma e rouquidão.

Vidro..... \$500

DEPOSITOS:

28 RUA DOS OURIVES 28

115 RUA DO LAVRADIO 115

DROGARIA QUIRINO

99 Rua de S. Pedro 99

DROGARIA PACHECO & C.

150 RUA DE S. PEDRO 150

**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.
Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etet

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

O PEDAGOGIUM

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECA

Laboratorio de Chimica, Gabinetes de Physica
e Historia Natural.

EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICA

Orgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. P. Pajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas
Residencia Praia do Flamengo n. 96
TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.